

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
RONDÔNIA

CENTRO INTERDISCIPLINAR
DE ESTUDO E PESQUISA DO
IMAGINÁRIO SOCIAL



REVISTA LABIRINTO
ANO XVI
VOLUME 24
NÚMERO 2
(JAN-JUN)
2016
PP. 436-447.

LUGARES DE MEMÓRIA: OS JUDEUS NA CIDADE DE CAMPINAS

(MEMORY PLACES: THE JEWS IN THE CITY OF CAMPINAS)

ARIEL ELIAS DO NASCIMENTO

Professor de História na Universidade Federal do Tocantins

ariel@uft.edu.br

RESUMO: No início do século XX, Campinas se destaca como uma cidade em crescimento. Este crescimento apresenta inúmeros aspectos dos quais, o que será abordado neste artigo, é a imigração judaica. A presença da coletividade judaica em Campinas do século XX provém de um contingente imigratório que, em sua maioria, compõem-se de poloneses. Neste sentido, o presente artigo abordará como que esta coletividade judaica, presente na cidade de Campinas, construiu seus espaços de memória. Abordará também como que estes espaços de memória dialogam com a própria formação da cidade de Capinas, construindo um mosaico entre a vida pública e a vida privada, tracejada pelo rememorar das histórias de vida.

PALAVRAS-CHAVE: Campinas, século XX, judeus, lugares de memória, cidade.

ABSTRACT: In the early twentieth century, Campinas stands out as a growing city. This growth presents many aspects of which, what will be covered in this article is the Jewish immigration. The presence of the Jewish community in Campinas twentieth century comes from an immigrant contingent that mostly consist of Poles. In this sense, this article will discuss how this Jewish community, present in the city of Campinas, built his memory spaces. Also address how these memory spaces dialogue with the very formation of the city of Weeding control, building a mosaic between public life and private life, dashed by remembering the life stories.

KEYWORDS: Campinas, twentieth century, Jews, memory seats, city.

Ao abordar o tema Lugares de Memória dos judeus na cidade de Campinas, este artigo pretende recuperar, através de histórias de vida, a construção destes lugares, físicos e/ou imateriais, mas que, em si, carregam valores de pertencimento. Segundo Pierre Nora:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. [...] a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. (NORA, 1993, p. 9)

Analisando as pesquisas relacionadas ao processo migratório ocorrido em Campinas, percebe-se claramente a presença de imigrantes de várias nacionalidades. Pesquisá-las, entendê-las, possibilita forjar uma leitura urbana de uma cidade polifônica, de culturas híbridas e mais, uma cidade que se construiu conjuntamente com estes imigrantes que escolheram esta cidade para estabelecer sua morada.

Contudo, são poucas as referências sobre a presença de imigrantes judeus no seio de Campinas.

Conduzindo uma pesquisa oral, alinhada ao cotejamento de fontes primárias e bibliográficas, foi possível estabelecer um retrato destes imigrantes na cidade. Como resultado, percebeu-se uma outra cidade dentro de Campinas. Um mundo permeado de relacionamentos familiares, comerciais e religiosos, o qual vem a contribuir ainda mais para o conhecimento e aprimoramento das análises sobre Campinas, no limiar do século XX.

Como demonstra Regina Igel:

A diversidade regional, política e cultural dos imigrantes judeus era reconhecida apenas no seu próprio meio, pois eles eram vistos geralmente, como um bloco monolítico constituído de estrangeiros. Eram chamados

'russos' ou turcos' por parte da população brasileira com a qual mantinham contatos nas suas vendas ambulantes. (IGEL, 1997, p. 78).

Estes “russos” e “turcos”, como escreve Igel, também circularam pelas ruas de Campinas, consolidando vínculos comerciais e de amizade na região central da cidade. Pode-se dizer que nas ruas onde realizavam estas trocas, também criaram lugares de memória. Memórias materiais ou imateriais, conforme veremos neste artigo, estabelecem invariavelmente o vínculo destes imigrantes com a cidade de Campinas.

Um destes lugares de memória foi o Centro Israelita Beth Jacob. Este Centro sempre esteve presente na área central da cidade. Este Centro Israelita, até sua fundação em 1928, possuía duas outras representações que se associavam aos russos e poloneses. Segundo depoimento de Elisa Medaljon: em Campinas havia judeus da Polônia, da Rússia, da Hungria. Havia duas sinagogas: uma ficava na rua Regente Feijó [russos] e a outra na Barreto Leme [poloneses]. Com o tempo, ocorreu a união”. E a partir desta união, o Centro percorreu vários outros endereços centrais da cidade. Num primeiro momento, estabeleceu-se na rua Lusitana,

num pequeno prédio alugado; posteriormente, aluga novo imóvel e transfere-se para a rua José Paulino. A necessidade de ampliação de espaço, leva a coletividade a procurar novo endereço para a sede e, na rua Regente Feijó, aluga um bonito prédio. Mais uma mudança se faz necessária, a última para um imóvel alugado, e o Centro Israelita passa a funcionar na avenida Francisco Glicério. Em 1940, a coletividade resolve comprar o prédio que ocupa até hoje, retornando assim à rua Barreto Leme e que foi inteiramente reformado em 1941. A reforma, na verdade, consistia na construção de outro prédio. Neste sentido, e para que os serviços religiosos não sofressem alterações ou quebras da rotina, o sócio Saulo Duchovni oferece sua propriedade à rua Doutor Betin, 72, onde as atividades se desenvolveram por algum tempo. [SILVA NETO, 2001]

Os diversos endereços registrados confirmam a presença contínua dos judeus na área central de Campinas, configurando-se uma cidade dentro da outra. Independentemente da época, a comunidade sempre construiu seu mundo particular, no qual a proximidade entre as diversas residências e o Centro possibilitava o surgimento de um ambiente propício às mútuas visitas, à movimentação pelas ruas da cidade e à manutenção de suas arraigadas tradições através da educação e das

diversas expressões de sua cultura. Esta localização centralizada também possuía um caráter religioso, pois visava facilitar a ida dos israelitas campineiros ao Centro, uma vez que a tradição reza não se utilizar de meios eletrônicos, motorizados, após o surgimento da terceira estrela da sexta-feira, quando se inicia o *Shabat*:

Os judeus tradicionais consideram a eletricidade como uma forma de fogo, e acender fogo no *Shabat* é proibido na Bíblia. Estes judeus não ligam a televisão ou o rádio nem outro aparelho eletrônico no *Shabat*. (KOLATCH, 2001, p. 178).

Mas não é somente através do Centro Israelita que se visualiza a coletividade judaica campineira. Neste sentido, o importante a assinalar sobre esta comunidade judaica que se fixa nas ruas da cidade de Campinas, formando, compondo, constituindo uma outra cidade, são os caminhos por ela percorridos, seus espaços fixados nas ruas, na memória, no tempo; pelo passado e através das relíquias, consegue-se visualizar a presença destes judeus, independentemente da época, caminhando pelas ruas, comprando, vendendo, fabricando, consertando, leiloando.

As ruas centrais constituem o espaço privilegiado

para a realização desta sacralização territorial, oferecendo oportunidade para todas as trocas culturais. As ruas e os passeios fixam o rumo a ser tomado, o espaço a ser conquistado, o caminho a ser percorrido pelos judeus no intuito de prosseguirem em seus destinos e em suas buscas.

No momento em que Germano Jacob sai de sua casa na rua Aquidaban, 3, e caminha para sua fábrica de cervejas na rua Alvares Machado, 204, percorrendo as ruas centrais, a cidade parece lhe pertencer; também são os seus domínios que Jacob Churguin compartilha ao abrir sua casa para seus vizinhos. Como relata Noemy Churguin:

Meu pai tinha uma loja; junto a ela havia o Chinelatto, que era uma relojoaria; em frente havia uma casa de aparelhos de som; de um lado ficava o Cônsul da Espanha, que tinha uma sapataria; do outro lado havia um árabe que tinha uma casa de dois mil réis. (...) [às] cinco horas da manhã ele estava lá [na loja] com toda a sua tropa para tomar café com o seu Jacob.

Mas não somente eles vivem no centro. A existência de outros imigrantes além, é claro, da população “nativa”, provoca intensas trocas culturais

que acontecem continuamente nestas caminhadas, nestas visitas. A saudação oferecida a um conhecido, as conversas com o dono do botequim, o entrar em uma *rotissiere* e dividir uma cerveja, fazem parte de um universo agora único, vivido por homens oriundos de mundos distintos e portadores de culturas diferentes.

Este mundo particular é construído no espaço citadino campineiro, nos caminhos que é preciso percorrer para ir da casa ao mercado, da casa à praça ou da casa ao Centro Israelita.

Se, por um lado, a rua 13 de Maio amplia a área comercial da cidade para os lados da Estação Ferroviária, a consolidação do Centro Israelita, em seus diferentes endereços, promove uma ampliação de circulação na área da malha urbana ser percorrida nos deslocamentos diários obrigatórios. Embora estas fossem ruas de movimento, com boa circulação de pessoas, em razão da existência de residências e casas comerciais, a implantação do Centro Israelita proporciona o surgimento de um trânsito contínuo da coletividade judaica em direção a outros lados da cidade, favorecendo o surgimento de novos relacionamentos pessoais e comerciais. Efetivamente, as ruas por onde caminhavam apresentam-se repletas de variado comércio, onde diversas línguas se misturavam. E este

fato não se verifica somente no século XX, mas também nos anos finais do século XIX, como podemos perceber num rápido exame do *Almanak de Campinas para 1873*, organizado por José Maria Lisboa, onde se registra, na Avenida Francisco Glicério, pelo lado par, os seguintes estabelecimentos: 16 – Patrício José de Quadros (marceneiro); 18 – José Pinto Nunes (alfaiate); 28^A – Joaquim Izique (fazendas); 46 – Leon Hertz (fazendas); 54 – Valerio Alves de Macedo (casa de comissão); 68 – João Baptista Mahulot (carpinteiro); 68 – Adolpho Agut & João Baptista Mahulot (fábrica de trolley); 76 – Frederico Markgraf (gêneros da terra); 96 – José Francisco Alves (ferreiro e serralheiro); 106 – Antonio José da Silva (carroceiro). Pelo lado ímpar: 3 – Dr. Vicente Maria de Paulo Lacerda (médico); 3^A Amaral & Souza (casa de comissão); 13 – João Baptista Velloso (alfaiate); 27 – Dr. Pedro Francisco d'Oliveira Santos (médico); 27 – Leon Hertz (joalheiro); 31 – José Emiliano Claro do Sant'Anna (gêneros da terra); 33 – Manoel Gonçalves da Silva Cantarino arquiteto); 43 – Gilberto Coté (pintor); 45 – Felix Bertholdo Soares de Brito (alfaiate); 53 – Paulino Ayres do Amaral (cocheira de carro); 55 – João Pereira de Campos Becker (carpinteiro). (LISBOA, 1872).

Um passeio pelo centro da cidade oferece a

oportunidade de se reconhecer os lugares nos quais os judeus moravam, trabalhavam, frequentavam. Duas descrições, em dois momentos históricos, são necessárias: uma voltada para Campinas oitocentista, localizando as casas comerciais e residenciais dos imigrantes judeus franceses (BASTOS, 1994, p. 35-50); em outra, uma visualização das residências e casas comerciais dos judeus russos e poloneses em Campinas, já no século XX.

Estamos no último quartel do século XIX, e na rua Dr. Quirino já é possível localizar alguns estabelecimentos judaicos, os quais foram responsáveis por uma parte dos trabalhos especializados da cidade. Assim, nesta rua, encontramos Antonio Isaac, sapateiro, no número 27, e Germano Kablonokz, cocheiro, no número 40. No número 36, localizava-se um dos dois estabelecimentos da firma Carlos Levy & Comp.; o outro ficava na rua Luzitana, 80.

Paralelamente à rua Dr. Quirino, em direção ao centro, localiza-se a rua Direita (atual Barão de Jaguará), uma das principais artérias comerciais da cidade, oferecendo uma variedade enorme de produtos a um público que por ela transitava quase que por obrigação. Não faltam opções a este público: produtos europeus eram vendidos nos estabelecimentos judaicos, como

por exemplo, na loja de Samuel Abraão & Adolpho G. Julio, que comercializava fazendas, no número 50^a, próximo ao Largo da Matriz da Conceição e do largo do Rosário; no estabelecimento de Lazare Abraham, que vendia joias e comercializava fazendas no número 30^b; no início da rua, haviam duas joalherias, uma de propriedade de Auguste Klein e uma outra de Bernardo Levy; Jacques Netter possuía uma relojoaria no número 29; Simon & Jacques Netter eram joalheiros nos números 59 e 66; Henry Bloch & Achilles Bloch & Romain Barrère possuíam uma loja de roupas usadas no número 20; Alberto Israel, que trabalhava como tradutor, também era relojoeiro do número 58^a.

Na rua do Rosário (atual avenida Francisco Glicério), Leon Hertz possuía dois estabelecimentos comerciais, um no lado par, número 46, onde comercializava fazendas, e outro no lado ímpar, 27, possuía firma Leon Hertz & Romain Barrère que comercializavam roupas e joias.

Na rua das Flores (atual rua José Paulino), Jacob Kruth era marceneiro no número 5. Não se sabe se perto ou longe dali ficava o estabelecimento de Jacob Stucki, ferreiro. Na mesma rua das Flores, 90, Abrahão Frainer possuía uma cervejaria.

Na rua Saldanha Marinho, 111, 113, 115

encontravam-se propriedades de André Jacobsen, que era sapateiro na rua Sacramento, 37^a. Na rua Ferreira penteado, 158 3 160, encontravam-se outras duas casas de André Jacobsen. Na rua César Bierrenbach, 16, encontravam-se as casas de Biajani Abel, que fabricava licores e Misael Kolleger, 8. na rua Benjamin Constant, 39, Adão Hoffmann possuía uma marcenaria. Na rua da Cadeia (atual rua Bernardino de Campos), 24, morava Daniel Jacob, onde possuía o ofício de marceneiro. Na rua do Imperador (atual rua Marechal Deodoro), 6, Raphael Levy era joalheiro. Na rua General Carneiro, 80, morava Tagea Biörnberg. Na rua General Osório, 721, morava Vitruvia Nogueira Hoffmann e, no número 33, Samuel Abrahão & Adolpho G. Julio eram alfaiates. Na rua Major Sólon, 12, Joaquim & João Jacob Boemen tinham uma fábrica de cerveja. Na rua Pereira lima, as casas de números 6 e 8 pertenciam a Abrahão Frainer que também possuía uma pequena propriedade na rua Sales de Oliveira, 116. Adão Hoffmann possuía mais uma propriedade na rua Visconde do Rio Branco, 39, onde era leiloeiro. Na avenida Dr. Moraes Sales, 30, morava Luiz Isaack.

Já nos anos iniciais do século XX, saindo da Estação Ferroviária e descendo pela rua 13 de Maio, 311, depara-se com a residência de Jacob Churguin, onde

também funcionava sua “Loja Jacob” de tecidos, roupas e armarinhos em geral; essa residência tem uma presença ímpar no seio da coletividade, como informa Noemy Churguin, filha de Jacob Churguin: “o meu pai tinha uma loja, 'Loja Jacob', na rua 13 de Maio, 311, a turma descia a rua 13 de Maio e entrava na loja do meu pai. Meu pai era uma pessoa altamente sociável, tanto ele quanto minha mãe faziam questão de trabalhar para a comunidade”. Ainda na rua 13 de Maio, 79, encontrava-se a casa dos irmãos Moyses Strachman, que possuía uma loja de móveis e armarinhos na mesma rua, no número 37 (TJC, 4º ofício, caixa 73, 1926), e Boris Strachman, que gostava de frequentar o Café Paulista, localizado à rua José Paulino, 226 (TJC, 4º ofício, caixa 55, 1926), conforme nos informa Noemy Churguin, a loja de Moyses Strachman, que denominava-se “Casa Moyses”, muda de endereço e amplia suas instalações, pois “foi a maior loja de móveis que tinha na Barão de Jaguará (...) móveis mais finos eram lá”. Há também a residência de Aron Guz, na altura do número 415, a “Casa Lealdade”, de Lejzer Liberman, na altura do número 383, também na rua 13 de Maio, e uma loja que fornecia serviços de alfaiataria, comercializava fazendas e roupas feitas e pertencia a José Koperstych – a cujo encargo estava a realização das rezas no *Shabat* – e que também possuía

outra loja na rua Francisco Glicério, 1.106; outro registro é o terreno de Ernesto Wage, alugado para indústria de Germano Stock, no número 74. Finalmente, e ainda na mesma rua 13 de Maio, existiu uma sapataria pertencente a outro membro da comunidade judaica, cujo nome perdeu-se no tempo, mas não das memórias de Noemy Churguin.

A rua Conceição é uma continuação quase natural da rua 13 de Maio; nela, no número 1.047, encontrava-se a residência de Jayme Medaljon, que, segundo o relato de José Steinberg, “(...) Jayme Medaljon era um jornalista muito famoso (...) [e] sempre requisitado. Ele era o orador permanente da colônia israelita, ele era o porta-voz da colônia” israelita de Campinas. Na esquina da rua Conceição com a rua Dr. Quirino, existiu uma marcenaria, cujo dono não foi possível identificar, contudo não se perdeu da memória de Noemy Churguin.

Na rua Barão de Jaguara existia, além das oficinas de móveis de Elias Kaplan (TJC, 1º ofício, caixa 617, 1938), a loja de Jacques Grimberg, “Empreza Inglesa”, loja que comercializava móveis para escritório, localizada no número 78. Na mesma rua Barão de Jaguara, José Schimeltzenger possuía “A Femina”, loja que comercializava roupas importadas. José Steinberg relata que ele foi “(...) um outro sujeito que tinha uma

posição social em Campinas muito boa (...), [em sua loja ele] vendia casacos de peles importado... isso é curioso, aqui em Campinas existir uma loja de casacos importados... e ele se manteve por quarenta anos. ” Segundo nos informa Noemy Churguin: “(...) o primeiro professor [da Escola Lídiche] (...) [foi o] Schimeltzenger”.

Atravessando a avenida Francisco Glicério e chegando à rua Regente Feijó, encontram-se outras casas judaicas da cidade: uma pertencente a Meier Roisenblat, *shohet* da coletividade (aquele que possuía habilidades com a faca para matar, verificar e limpar um animal, deixando-o *kasher*, ou seja, próprio para consumo), que morava na esquina da regente Feijó com a Uruguaiana; outra de Abraão Steinberg, que morava em apenas um dos cômodos de uma casa e que, com o passar do tempo, e o trabalho no comércio com roupas e jóias, pode alugar uma residência para sua família na rua José Paulino e, mais ainda, quando proprietário da Construtora Steinberg, construir sua própria casa na rua Dr. Quirino, próximo à residência de Meier Roisenblat. Na mesma rua, no número 224, encontrava-se também uma das casas de Germano Jacob. Ele possuía outras residências na rua Aquidaban, 3, na rua Alvares Machado, 95^a e 99^a; no número 204 Germano possuía

uma cervejaria.

Na rua José Paulino, encontravam-se outras duas casas de Germano Jacob, um no número 137 e outra no número 139. (TJC, 2º ofício, caixa 271, 1912).

Na rua Ferreira Penteado, 216, em casa de propriedade de Carlos Semedo Ribeiro, moravam de aluguel Samuel e Maria Voloch. Na rua Cesar Bierrenbach, 973, mora Samuel Rubinsky Neto. Samuel era filho de Jacob e Dora Rubinsky, residentes na rua Benjamin Constant, 973. Na rua Dr. Campos Salles, encontram-se Jacob Voloch, que reside no número 563, além da loja de Oscar Bronberg, “Europa Modas”, no número 1.447, que, segundo Noemy Churguin: “(...) era uma lojade roupas feitas e depois começou a fazer roupas femininas”. Na rua Hércules Florence, 242, morava Saulo Duchovni, filho de Paulo e Clara Duchovni. Na rua São Carlos, morava Estelinha Epstein. (PUPO, 1976, p. 35).

Dos resquícios do passado que nos foram deixados pelo tempo, estas são evidências da presença da coletividade judaica no centro da cidade. É interessante perceber o deslocamento existente na área central, deslocamento este que permite visualizar duas artérias comerciais, cada qual no seu tempo histórico. Se por um lado a rua Barão de Jaguará fazia

movimentar o comércio, a cultura, a moda, nas lojas dos israelitas que ali possuíam seus estabelecimentos no século XIX, tornando-se um referencial para o público de fina estampa, já no decorrer do século XX os judeus assumem posições estratégicas na passarela popular, pois assim se torna a rua 13 de Maio a partir do momento que a ferrovia amplia suas viagens diárias para as cidades do interior, capital e outros Estados. Isto é ressaltado no depoimento de Benjamin Segal:

O comércio começou a descer a 13 de Maio a essa parte [central]; antigamente era só a 13 de Maio; quem estava fora da 13 de Maio morria de fome. Mas com o tempo a cidade [os comerciantes] foi crescendo e foi descendo [em direção à Matriz Velha].

Por tais caminhos é possível visualizar a presença da comunidade judaica em Campinas no decorrer dos séculos XIX e XX. Circulando por estes itinerários, os judeus construíram suas relações, suas amizades, seus afetos. É toda uma cidade que se apresenta e na qual pode-se vislumbrar alguns aspectos culturais intrínsecos, os quais apontam para particularidades que somente serão visíveis a partir do momento em que se abrem as portas das casas e se depara com um outro mundo, o

universo familiar judaico, onde as tradições permeiam os hábitos de civilidade e as receitas constroem um amálgama alimentar único.

Nos anos de 1920 e 1930, saindo da casa e caminhando em direção ao Centro Israelita, depara-se, todas as tardes – menos às sextas-feiras –, com aulas de iídiche, nas quais se registra uma presença muito forte de toda a comunidade, no intuito de preservar os valores e a língua. Todos os recursos são válidos para se conseguir este objetivo, desde concertos musicais até o auxílio do teatro, através de peças encenadas por um grupo amador; ou seja, necessário se faz manter e preservar os valores e as tradições arraigadas na família, na memória, num ambiente homogêneo para a coletividade, como o foi o Centro. O mundo familiar, educacional e religioso, acrescido da vida comercial e dos vários sistemas filantrópicos de ajuda mútua, completam o universo judaico da cidade.

Os espaços ficam cada vez mais caracterizados conforme são usados pela sociedade. Pode-se perceber, no trânsito das ruas, uma constante sociabilidade para com a sociedade adotiva, uma vez que é nas ruas que se desenvolve o contato com o próximo. E das ruas todos dependem, ou para ir às compras, à escola, ao trabalho, ao ensino religioso ou dirigir seu próprio negócio. Este

trânsito e, conseqüentemente, o contato obrigatório nas ruas, corrobora para caracterizar os lugares públicos e privados da cidade, sejam eles os grandes espaços destinados à socialização, como a rua e a praça, seja simplesmente a casa e a varanda, como redutos particulares de cada família.

O que, com certeza, facilitava o convívio das famílias israelitas, é que nunca houve dificuldade para se fazer amizades, tanto na rua, quanto na escola, pois sentava-se à porta de casa e conversava com o vizinho, conforme relata Elisa Medaljon. “Muitos preferiam fazer mútuas visitas”, como recorda Noemy Churguin. “Era costume as famílias se visitarem. Era muito frequente. Então, por exemplo, a minha casa era centralizada e meus pais eram extremamente hospitalieros. Então vinha a família do Eisengart, vinha a família do Marchevsky. 'Vamos lá tomar um chá na casa da dona Otília' e minha mãe fazia lá uns doces e tomava um chazinho. A gente ia na casa deles”. E lembra mais: “foi fácil [fazer amizades com não judeus] por causa desse [estilo de vida] do interior; os vizinhos se davam muito bem. Então, quando vinha um vizinho novo, a turma fazia um bolo e ia lá levar. Bom atendimento, amizade, era muito comum em Campinas”. E acrescenta: “aqui você se dava com os vizinhos, você conhecia todo

mundo que morava perto, havia uma grande solidariedade entre as pessoas que moravam no mesmo bairro, na mesma rua. (...) no tempo de 1932 [as mulheres sócias da *Frauen Verein* (Sociedade das Damas Israelitas)] foram recolher aliança de ouro para os soldados, faziam tricô, que dizer, [os judeus] participavam da vida nacional, conservando a tradição deles lá no âmbito da sociedade (...) [só] não havia entrosamento (...) na sociedade de elite”.

Esta cidade dentro da cidade marca a presença da coletividade judaica em Campinas. Os espaços urbanos percorridos diariamente por seus membros não se constituem em espaços limítrofes de uma cidade com outra; antes, proporcionam uma perfeita visualização desta sociedade que também frequenta as ruas campineiras, deixando à mostra todos os relacionamentos; as trocas, a compra e a venda de mercadorias e, com o correr do tempo, as amizades em formação, concebendo uma vivência única para os judeus da cidade.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Marcus Aurélio Albino. “Presença judaica em

Campinas no século XIX (1870-1890): uma primeira abordagem”. in. **Boletim do Centro de Memória da UNICAMP**, vol. 6, n. 12, 1994.

IGEL, Regina. **Imigrantes Judeus / Escritores brasileiros: o componente judaico na literatura brasileira**. Coleção Estudos, nº. 156. São Paulo: Perspectiva; Associação Universitária da Cultura Judaica; Banco Safra, 1997.

LISBOA, José Maria (org.) **Almanak de Campinas para 1873**. Anno III. Campinas: Typographia da Gazeta de Campinas, 1872.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, n. 10. São Paulo: dezembro de 1993.

PUPO, Benedito Barbosa. **Oito bananas por um tostão**. Campinas: Empresa Gráfica e Editora Palmeiras Limitada, 1976.

SILVA NETO, Elvino. **Certidão de Personalidade Jurídica**. Campinas: 1º Cartório de Registro de Imóveis e Anexos Elvino Silva, 2001.

TJC (Tribunal de Justiça de Campinas), 1º ofício, caixa 617, processo 12535, ano 1938.

TJC (Tribunal de Justiça de Campinas), 2º ofício, caixa 271,
processo 5874, ano 1912.

TJC (Tribunal de Justiça de Campinas), 4º ofício, caixa 55,
processo 1152, ano 1926.

TJC (Tribunal de Justiça de Campinas), 4º ofício, caixa 73,
processo 1138, ano 1926.

Recebido em: 01/07/2016

Aprovado em: 18/07/2016

Publicado em: 06/08/2016